

ÇÃO GRAFICA
Departamento de Cultura

Impressão e Encadernação
7/1/1988





General Couto de Magalhães

7.^a CONFERENCIA
PARA O
TRICENTENARIO DE ANCHIETA

Assumpto:
Anchieta, as raças e linguas indigenas

Acompanha um Mappa do Pindorama,
nome antigo do Brazil, mostrando as regiões occupadas pelos aborigenes
segundo o BARÃO VON MARTIUS, e nômes antigos de rios e logares,
organizado pelo GENERAL COUTO DE MAGALHÃES, E
DR. THEODORO SAMPAIO.

S. PAULO
TYPOGRAPHIA A VAPOR CARLOS GERKE & CIA.
Rua de São Bento N. 80

General Couto de Magalhães

7.^a CONFERENCIA

PARA O

TRICENTENARIO DE ANCHIETA

Assumpto:

Anchieta, as raças e linguas indigenas



Acompanha um Mappa do Pindorama,
nome antigo do Brazil, mostrando as regiões occupadas pelos aborigenes
segundo o BARÃO VON MARTIUS, e nomes antigos de rios e logares,
organizado pelo GENERAL COUTO DE MAGALHÃES, e
DR. THEODORO SAMPAIO.



S. PAULO

TYPOGRAPHIA A VAPOR CARLOS GERKE & CIA.

Rua de São Bento N. 80

Anchieta e as raças e linguas indigenas,

pelo

General Couto de Magalhães.

Exlm.^{os} Senhores,

Minhas Senhoras e meos Senhores.

§ 1º Saudação de Anchieta na lingua antiga dos paulistas.

O que caracteriza á primeira vista um paiz a que chegamos, é a lingua fallada por seus habitantes.

Quem chega hoje ao Brazil e por toda a parte ouve a lingua sonora de Camões e Alencar, diz: estou em um paiz portuguez.

Ha 400 annos atraz porem, o que aportasse a qualquer parte de nossas costas, desde o Iguassú⁽¹⁾ (hoje Rio da Prata) até o Paraná-pitinga⁽¹⁾ do Norte (hoje Rio Amazonas), ouviria uma tão diversa do portuguez, quanto este o é do allemão ou do japonez, e essa lingua era o *nheengatú*, *avanheen*, ou lingua dos Tupis e Guaranis, ou antes *tamuyos* ou *tamoyos*.

Por isso vos me permittireis, já que recordamos factos passados á quasi 400 annos, que eu comece esta conferencia saudando-vos como o padre Joseph de Anchieta saudava os *piratininguaras* ou paulistas de 1560 na lingua paulista que elles fallavão n'aquelle tempo, e que alguns de nos ainda hoje fallam, dizendo-lhes:

— *Tupã omogaraiba, yawé ara catú omehê peeme.*

O que na lingua dos portuguezes quer dizer:

— Deos vos abençoe, e vos dê tambem tempos felizes.

Sim senhores: — *Tupã omogaraiba, yawé ara catú omeehê peeme*, lingua que alguns de vos entendem, era a que vibrava o ar deste Piratininga onde hoje estamos, e a

(1) Anchieta Vocabulario-palavra — Rio.

que dominava em mais de 800 leguas das costas do Brazil; era tambem a brasileira, hoje quasi desaparecida de nossa patria, pela mesma forma por que quasi desaparecerão as tribus heroicas dos aborigenes, senhores d'ella; a America está sepultada debaixo do guante civilizador, mas egoista, da Europa, e são hoje raros os brasileiros que estudão e conhecem suas origens americanas.

Estes estudos, que precedem ao centenario de Anchieta, são uma tentativa nesse sentido, por que é aos jesuitas, e entre elles a Anchieta, que devemos a preservação das raças indigenas que nos são muito uteis debaixo do ponto de vista antropologico, como mostrarei adiante, e da raça mestiça ou do mameluco, cariboco, ou caboclo, que D'Orbigny, Darwin, Saint Hilaire, Ferdinand Denis e Quatrefages dizem ser uma das boas do mundo, e é mais americana do que a do negro ou a purã branca dos europeos, que nos vierão do velho mundo.

§ 2.º Pindorama é o nome americano do Brasil.

Em 1553, anno em que Anchieta chegou ao Brasil, uma unica nação dominava quasi toda costa desde o Amazonas até o Prata, alem de grandes regiões do interior, e era a nação *tupi-guarani*, fallando dous dialectos de uma mesma lingua, o *tupi* e o *guarani*, tão semelhantes entre si como o portuguez o é do hespanhol.

Quando digo uma nação, não quero dizer que tivessem elles um só governo; erão uma nação somente porque tinham quasi a mesma lingua, as mesmas crenças religiosas, os mesmos costumes e a mesma conformação phisica.

Estes conhecião o que chamamos hoje Brazil, do Amazonas até mais ou menos a bahia dos Patos, debaixo do nome de Pindorama, que quer dizer Região das Palmeiras; ao interior, não occupado por elles, denominavão *Tapuirama*, que quer dizer região de ranchos ou de aldeas.

§ 3.º Raças que habitavão Pindorama (Brasil) em 1587.

A primeira descripção que temos dos habitantes do Brazil nos é dada em uma carta do escrivão da armada de Pedro Alvares Cabral, Pedro Vaz de Caminha, escripta a D. Manoel, Rei de Portugal, em 1500.

A segunda é a que vem no Tratado descriptivo do Brasil, de Gabriel Soares de Souza, escripta em 1587, e as historias do Brazil de Pero de Magalhães Gandavo em 1585, e a de Frei Vicente Salvador, escripta em 1527, imprensa no vol. 13 dos Annaes da Bibliotheca Nacional.

Temos ainda a descripção dada em 1557 pelo francez Léry, que esteve no Rio no tempe que os protestantes francezes occuparão a bahia Nhetoroya, como Anchieta denomina a do Rio; a dos Frades francezes Claudio de Abeville e Ivo d'Evreux, quando os francezes occuparão o Maranhão no tempo de Henrique 2.º, as cartas do padre Anchieta publicadas nos Annaes da Bibliotheca de Rio, e *Une fête Bresilienne à Rouen* em 1550.

Entre os estudos modernos, que são mui numerosos, os mais importantes e conscienciosos são: a obra do allemão Dr. Carlos F. P. von Martius, intitulada: *Ethnographia da America e principalmente do Brazil*, Leipzig 1873, e a do professor *Carlos von den Steinen*, intitulada *Entre os povos-naturaes do Brazil Central*, Berlin 1894, ambas em allemão.

Em portuguez temos duas, que podem ser consultadas, e são: *Revista da Exposição Anthropologica Brasileira*, Rio 1882, e nma, escripta por mim, intitulada *o Selvagem*, contendo uma collecção de textos e de lendas dos americanos do Sul, em lingua *Tupi*, Rio 1876.

A bibliographia das linguas americanas do Brasil, já é extensa, e della vem noticia quasi completa nos Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio, Vol. 8.º

O conhecimento que eu tenho dos naturaes do Brazil e Paraguay, adquiri-o em contacto com elles nas presidencias de Goyaz e Pará, e quando commandei o corpo de exercito que libertou a provincia de Matto Grosso do dominio paraguayo, ou em longas viagens por nossos sertões ou *Tabeymas*; pelos de S. Paulo a Matto Grosso, fiz 4 viagens; de Montevideo ao Pará, sempre pelo interior, e na extensão de pouco mais ou menos mil e trezentas leguas, fiz nada menos de 6 viagens, tendo convivido, annos, com Cadiueus, Guaicurus, Guatós, Parexis, Coroados, Cahiapós, Chavantes, Cherentes, Canoeiros, Karajás e Gorotires no centro do Brazil, Aruans e Apiacás, no Pará. Quando o finado imperador, o Snr. D. Pedro Segundo, me ordenou que escrevesse o livro *o Selvagem* para figurar no bibliographia americana da exposição dos Estados Unidos do Norte em 1877, ao lado de

outros trabalhos sobre raças e linguas americanas que diversos paizes de nosso continente para lá mandarão, o, tambem finado Duque de Caxias, então ministro da guerra, deo ordem aos diversos corpos do exercito, que puzessem a minha disposição todas as praças que fossem aborigenes, as quaes eu ouvi durante semanas e mezes.

Tive, pois com todos estes, muitos elementos para estudar o agrupar factos relativos a nossas origens americanas, em geral ignoradas entre nos, por que, apesar de sermos americanos e não europeos, ignoramos mais nossas origens da America do que as da Europa ou Africa.

§ 4.º Aborigenes das costas no Pindorama ou do Brazil em 1587.

Pelas observações feitas em minhas viagens, divido os aborigenes do Brazil, em duas classes, uma mais civilisada, a que fazia uso de utensilios de argilla cosida ao fogo, e que portanto cosinhava; outra que não tinha esse conhecimento e que só assava os alimentos de que se servia; figuram entre os ultimos as grandes nações dos Cahiapós e a sua alliada a dos Gorotirés.

Em 1587, porém, quando Gabriel Soares de Souza escreveu sua descripção de que Frei Jaboatão, no *Novo Orbe Serafico* deduzio o que escreveu sobre os naturaes do Brazil, são, nas costas, descriptas as seguintes tribus:

Tapuyas: desde o Amazonas até o Jaguaribe, por cerca de 200 leguas.

Potiguara: desde o Jaguaribe até o rio da Parahyba, na ribeira que lhe fica ao Norte. por extenção de cerca de cem leguas, são de nação tupi; *potiguara* quer dizer comedor de camarão.

Cayeté, indios tambem tupis, habitavão a costa desde o Parahyba até o rio de S. Francisco, por mais de cem leguas.

Tupinambá, tambem tupis, desde o S. Francisco até o Sul da Bahia de Todos os Santos, por cerca de cento e trinta leguas de costa.

Tupinanki, tupis, habitavão desde o sul da enseada da Bahia, morro de S. Paulo, Rio Camamú, até o Rio Cricaré (alias Kirikaré) em 18 graos de latitude Sul, por mais de septenta leguas.

Papaná, erão tupis, habitavão a região que depois lhes foi conquistada pelos Tupinanki, e Aimoré.

Aimoré, tapuias e não tupis; habitavão ao Sul dos Tupinanki, em terrenos das capitánias dos Ilheos e Porto Seguro, erão os mais selvagens e brutos de todos.

Goaitacá divididos em tres nações: *Goaitacá-camopi*, *Goaitacá-guaçú*, *Goaitacá-jacoritó*, parece-me que erão tapuias e não tupis, e habitavão as costas desde o rio Rerityba, que desagua 15 leguas ao Sul do Espirito Santo, até 7 leguas antes do cabo de S. Thomé, em 22 graos de latitude Sul. E' nesta região que está a cidade de Campos dos Goiatacazes, no Estado do Rio de Janeiro.

Tamoyo, indios tupis, habitavão desde o Cabo de S. Thomé, até Angra dos Reis, que na lingua do Brazil se chamava *Ocaruçú* (Pateo grande). occupando uma costa com enseadas e bahias de mais de 40 leguas. Estes indios são descriptos mui detalhadamente por Lery, em sua viagem ás terras do Brazil, reimpressa na Revista do Instituto Historico, e lhes dá o nome de *Tupinanboults*, em vez de *Tupinanbás* que elles tinham, por que Tamoyo, quer dizer avô, e os aborigenes dizem hoje *Tamuya*.

Goayaná ou *Guayaná*. Habitavão estes desde *Ocaruçú*. ou Angra dos Reis, até Cananea, ao Sul, onde ião confinar com os *Carijó*.

Erão tupis, tapuyos, ou guaranis?

Não sei; mas creio que erão guaranis, como os *Carijó*, por que Jaboatão, no artigo em que os descreve, diz o seguinte: A sua linguagem era diferente da dos seus visinhos (os tamoyos que fallavão o tupi), mas entendião-se com a dos *Carijó*, que erão guaranis.

Carijó, indios tupis ou guaranis, que habitavão desde Cananea até a lagoa dos Patos no, hoje, Estado do Rio Grande, cerca de settenta leguas.

Tapuyas do Sul, *Charua*, *Minuan*, desde a Lagoa dos Patos até o rio da Prata, chamado pelos tupis e guaranis *Iguaçú*.

Taes erão os nomes das nações indigenas que habitavão as costas do Brasil no tempo de Anchieta, segundo a descripção que dellas nos dá frei Jaboatão, vol. 1.º de paginas 9 a 31 de edição do Instituto Historico, Rio 1858, deduzida do que escrevo Gabriel Soares em 1558.

Estes nomes, porem, com quanto muito uteis, pouco indicão para o estudo das familias aborigenes.

§ 5.º Classificação dos indios
do Doctor Carlos F. P. von Martius.

Na obra: — *Zur Ethnographie Amerika's, Zumal Brasiliens* — Leipzig 1867, — *Ethnographia da America* e principalmente do Brazil, obra que infelizmente ainda não foi traduzida do allemão, esse grande e laborioso naturalista, classificou os indios de conformidade com o mappa que traduzi, imprimi e distribuo com esta conferencia, em oito nações de linguas diversas, que vem descriptas na obra acima mencionada, e das quaes vem vocabularios em outra obra do mesmo naturalista, intitulada *Glossaria Linguarum Brasiliensium*, Erlangen 1863.

As nações ahi cartographadas são as seguintes:

1.º Tupis ou Guaranis; as regiões por elles occupadas vem em tinta vermelha, e occuparão quasi todo o Brazil, pois têm uma grande região n'um chapadão central dos Andes, nas cabeceiras dos rios que formão o Madeira; d'ahi, um ramo desceo para o sul até a Lagoa dos Patos, outro subio para o norte até o Amazonas, do qual se assegnoreou, muito ao Occidente da phoz do Madeira, até a do Amazonas, ao sul de Marajó, dominando toda costa do Atlantico, desde Marajó até a Lagoa dos Patos, alem de uma grande região no interior, entre os rios Xingú e Tapajos, igual a um dos actuaes estados do Brazil, a, por elles, denominada *Tapui-rama*.

Era, pois, sem duvida alguma, uma poderosissima raça e merece o nome *die Krieger*, os Guerreiros, com que Martius os qualifica em sua *Ethnographia*.

2.º O segundo, mais numeroso grupo, é o dos Ges e Crans, que occupava uma região enorme no centro do Brazil, entre os planaltos de onde fluem os tributarios do Tocantis e do Araguaya, região denominada pelos Tupis — Tapui-rama ou patria dos Tapuias, e que vem figurada no mappa com a côr amarella.

3.º Guck, Coco, no planalto dos Andes ao norte dos Tupis, denominados por estes os *Tutivas* ou os *Tios*, e são senhores das margens dos rios affluentes do Amazonas a oeste da phoz do Madeira, e da enorme região do Oyapock e das Guayannas. No mappa estão cartographados com a côr verde.

4.º Crens e Guerengs, nos sertões de S. Paulo, Paraná e Bahia, cartographados com a côr de laranja.

5.º *Parexis* e *Paregis*, nos sertões de Matto-Grosso e Pará, marcada no mappa, sua região, com tinta azul.

6.º *Guayatacá*, cognominados por Martius — os Corredores das Florestas — antigamente na região de Campos, Estado do Rio, hoje nos sertões da Bahia e Sergipe, marcada na carta, com tinta azul-ferrete, a região por elles occupada.

7.º *Aruac* e *Aruaquis* nas mattas dos Estados do Amazonas e Pará, marcada sua região com tinta verde claro.

8.º *Guaycurús*, os Cavalleiros, nas solidões do Grão Chaco, nas Republicas Argentina, e na Bolivia, e no Estado de Matto-Grosso, Brazil, as margens do rio Paraguay.

§ 6.º Linguas brasileiras.

Na Chronica da Companhia de Jesus do padre Simão de Vasconcellos, e nas de alguns outros escriptores, está dito que o Brasil encerrava mais de cem linguas americanas entre os aborigenes.

Nenhum delles, porem, diz em que se fundou para essa difficillima affirmacão que, aliaz, julgo extremamente exagerada.

Dos que estudarão a America do Sul, é o allemão, grande naturalista, Dr. Carlos Frederico Philippe von Martius, o unico que, com dados positivos, podia dizer quantas linguas americanas tem a terra que habitamos, depois de a haver conquistado dos aborigenes.

Elle porem não o disse, e ninguem o pode ainda dizer, por que ninguem o sabe.

Em uma obra d'elle, de grandissimo valor linguistico, intitlada: *Glossaria Linguarum Brasilientium*, vem vocabularios de sessenta e oito diallectos brasileiros, sendo alguns delles oriundos das mesmas linguas mães, *tupi* ou *guarani*, o que os reduz de numero; tendo elle e seus companheiros, viajado e explorado quasi todo o Brasil, a ponto de haver produsido a mais rica e copiosa flora escripta no mundo, não é provavel que lhe tenham escapado muitas linguas. Julgo pois que cincoenta ou sessenta dialectos, dedusidos de cerca de oito grandes linguas, é o que tem o Brazil.

No entranto, esta minha affirmacão, é apenas uma con-

jectura, fundada no motivo que acima apresentei, por que, mesmo com as grandes viagens que fiz, com a longa residencia que tive nos sertões, eu só conheço bem uma lingua na qual fallo e escrevo, que é o tupi ou *nheengatu*, que se fallava em quasi todo Estado de S. Paulo ao tempo de Anchieta, e em quasi todo Brazil; conheço mal o *guarani*, que aprendi com os prisioneiros paraguayos que fizemos quando comandeí as forças de Matto Grosso, e isso só para ler; nem fallo nem escrevo; conheço algumas phrases do Coyapó e Carajá, e nada mais.

Na ethnographia de Martius elle considera que os sessenta, ou mais dialectos, que existem no Brazil, provem das 8 seguintes linguas, a saber:

- 1.º A dos Tupis ou Guaranis.
- 2.º A dos Ges ou Crans.
- 3.º A dos Guck ou Coco.
- 4.º A dos Crens ou Guerengs.
- 5.º A dos Parexis, Parecis ou Porazis.
- 6.º A dos Goyatacaz.
- 7.º A dos Aruacs ou Aroaquis.
- 8.º A dos Gaycurús, Lenguás ou Niniknaus.

No Glossaria Linguarum Brasiliensium, que citei acima, vem, como já disse, cerca de sessenta vocabularios diversos, e por elles ve-se a extrema differença que há, não so quanto as linguas mães, mas entre estas e as derivadas.

Entre o tupi e o guarani, a differença é pequena, talvez como entre o portuguez e o hespanhol ou o francez. Cita-rei algumas phrases para que os Snrs. possam por si julgar.

— Como é o vosso nome?

O Tupi diz assim:

— *Maan pa ende rera?*

Em guarani:

— *Embae pá ende rera?*

— Traze fogo para mim.

Em Tupi:

— *Reruri tatá chebe.*

Em guarani:

— *Erú tata chebe.*

Em Ges, Cahipo ou Kran:

— *Amren imam cuê coeman.*

As grandes linguas do estado de S. Paulo são o *Tupigurany*, fallado por diversas tribus e, entre ellas, um de seus dialectos, pelos *Cayuás*.

O Kran, fallado pelos Chavantes, Cayapós e Coroados; em dialectos diversos.

As regiões occupadas actualmente por aborigenes, no estado de S. Paulo, ainda são mui consideraveis, e entre ellas estão esplendidas florestas em terra rouxa proprias para cultura do café, e formando um triangulo colossal quasi tão grande, e mais rico, do que a Italia europea; é feixado ao Norte, Nordeste, e Oeste pelo rio Grande ou Paraná, ao Sul pelo Paranapanema, comprehendido, mais ou menos, entre o 6° e 10° grãos de Longitude Oeste do meridiano de *Greenwich*, e os vigesimo e vigesimo terceiro de Latitude Sul, cerca de quatro mil leguas quadradas, que podem conter uma população superior a 20 milhões de habitantes, isto é: vinte vezes mais do que a do actual estado de S. Paulo!

Grande parte dessa região não pode ser povoada por que os aborigenes, maltratados pelos christãos, que aqui os matão e roubão como a feras, o não consentem.

Não ha quem saiba sua lingua, não se deo ainda o primeiro passo para sua cathechese que é, a exemplo do que fizeram os antigos padres da Companhia de Jesus, e o que fazem hoje os cidadãos dos Estados Unidos do Norte, *o crear um corpo de interpretes para acompanhar os padres, os engenheiros, os capitalistas* que pretendessem devassar esses sertões.

O serviço respeito a indigenas, em S. Paulo, é cousa insignificante. Ha para isso uma repartição nominal, tendo a sua frente um intitulado brigadeiro de indios, que, não possuindo verba a sua disposição, não pode nem mesmo matar a fome aos raros aborigenes meio civilizados que chegão a S. Paulo, os quaes, seminus e exfarrapados, quando aqui chegão, são obrigados a esmolar de particulares, e até de estrangeiros, o dinheiro necessario para viver!

No entretanto forão elles os donos e senhores do solo que nos possuimos, e uma das origens da raça que hoje domina o Brasil; são os verdadeiros brasileiros, os verdadeiros paulistas.

Nessa repartição não é sabida qual a população aborigene que existe em S. Paulo, quaes as linguas que fallão, que numero de leguas quadradas possuem, questões estas de summo interesse não só para a sciencia da humanidade, mas para a riqueza do estado que habitamos.

No entranto de 1560 em diante, com meios muito in-

feriores aos nossos, os jesuitas, e os portuguezes de S. Paulo, possuem corpos de interpretes a que elles chamavão linguas, e com isso poderão tornar conhecidos os sertões do Brasil, pois é sabido que, nos tempos antigos, os paulistas forão pelo occidente, e sempre pelo interior, até as cordilheiras dos Andes, pelo Norte até o Pará, e pelo Sul até o Paraguay.

Estará por ventura morto o bom velho sangue paulista resultado, segundo *Ferdinand Denis, Saint Hilaire e Quatrefages*, da mistura do sangue portuguez com o dos tupis ou guayanás?

Não sei; os Snr.^o ajuísem e respondão a si mesmos.

Quanto a mim, sinto dizel-o, mas julgo que é a verdade; o paulista tem perdido, e continua a perder. sua qualidade de americano, e está-se tornando *européu-judaico*.

Em uma memoria lida no ultimo *Congresso de Americanistas*, cujas sessões tiverão logar no Mexico em 1895, o S. C. Ponia, encarregado ahi da Legação da Italia, dá a lista de cerca de trinta periodicos publicados nas duas americas, em linguas americanas.

Destes, a maior parte, é publicada pelos yankees dos Estados Unidos do Norte, mas muitos por outros Estados da America, e entre outros pela Guyanna ingleza.

No Brasil, segunda potencia da America, nem um!

Em S. Paulo, felizmente, começa a apparecer o gosto pelo estudo das nossas origens, e com elle ha de vir o gosto pelo estudo das americanas, por que a nossa raça provem de tres troncos. dous do velho mundo, o branco e o preto, um do novo mundo, o vermelho ou americano.

Foi delles que veio a actual raça paulista, que não é somente do velho mundo, mas americana como o demonstrarei adiante, mas que só aprecia, e só conhece suas origens europeas.

§ 7.^o Indios que concorrerão para a população de S. Paulo de 1531 em diante.

Quando Martim Affonso chegou as terras de S. Paulo, não havia aldea de indios ao longo da costa do mar. Alguns indios de serra acima, que estavam pescando juncto a barra da Buriqui-oca (casa de macacos buriquis) fugirão, subirão a serra e derão aviso aos outros, que dentro em 3 dias, ahi apparecerão em numero de quinhentos guerreiros, sob o commando de Tibiriçá e Caubi, guiados por João

Ramalho, portuguez, a cuja intervenção deve-se o não nascer guerra entre americanos e europeos; firmarem-se pazes, e festejarem os americanos, essa chegada, com cantos e danças, que aturarão dias. ⁽¹⁾

Já antes de 1530 havia, em S. Vicente, uma feitoria para escravisar indios, segundo no-lo assevera o escriptor hespanhol Herrera; isto mostra que, desde o primeiro passo de europeos nas Americas, tanto do Norte como do Sul, sua acção foi sempre cruel, tyrannica e sanguinaria, e não admira que os aborígenes se vingassem fazendo-lhes guerra de morte.

O padre Ayres do Casal nos diz que, antes da chegada de Martim Affonso, já aqui havião em S. Paulo dous portuguezes, Antonio Rodrigues e João Ramalho. Frei Gaspar nos diz que João Ramalho viveu no campo, em uma aldea a que elle deo o nome de Santo André, a qual ficava ao pé de São Bernardo de hoje, juncto ao rio Jerivatyba (hoje Rio dos Pinheiros).

Quem erão porem os guayanás, esses a quem Martius, a pag. 768 de sua Etnographia, chama *die Gelehrten*, isto é os *Sabios*, e de onde vem a boa e excellente raça dos paulistas? Erão barbaros autropophagos, ou erão comparativamente civilizados?

Transcrevo aqui o que diz Gabriel Soares, que escreveu em 1587, cerca de 50 annos apenas depois da occupação da capitania de S. Vicente; a pag. 90, edição do Instituto Historico, diz elle:

«*Não são os Guayanaxes maliciosos, nem refalsados, antes simples e bem acondicionados, e facillimos de crer em qualquer cousa.... Não matam aos que captivam nas guerras.... São grandes fleixeiros e inimigos de carne humana.... Se encontrão com gente branca não fazem nem um danno, antes boa companhia.... Não costumão fazer guerra a seos contrarios fora de seos limites, nem os vão buscar em suas vivendas.*» ⁽²⁾

O mesmo é repetido por Jaboatão, pelo jesuita padre Simão de Vasconcellos, e pelo inglez Roberto Southey, na melhor das historias do Brazil que até hoje possuimos.

⁽¹⁾ Frei Gaspar da Madre de Deus. Memorias para a Capitania de S. Vicente. Lisboa, 1797, pag. 29.

⁽²⁾ Gabriel Soares. Tratado descriptivo do Brazil, cap. 63.

Isto deixa assentados tres pontos:

1.º Não matavão, e menos comião, seus prisioneiros de guerra.

2.º Não erão inimigos, antes erão amigos leaes dos brancos que lhes tomavão as terras e que posteriormente os escravisavam.

3.º Faceis de crer em tudo, tornarão-se com facilidade christãos.

Eis o que diz a historia.

Dos vestigios que ainda hoje encontramos em S. Paulo temos mais elementos para julgar do estado de sua comparativa civilisação.

Fazendo eu aterros em minha chacara da Ponte Grande, nesta cidade, e tirando a terra do morro chaniado dos lazarus, ahi descobri, em 1885, um grande cemiterio indigena, de onde forão extrahidas algumas urnas funerarias de argila cosida, com desenho, dessas a que chamão erradamente *ygaçabas* (o que quer dizer vazo de agua ou pote, e não urna funeraria), lanças, flechas e machados de silica pollida, alguns dos quaes conservo ainda nas estantes do Club da Caça e Pesca nesta cidade. De Conceição de Jtanhaen e São Sebastião trouxe eu panella antiga de argila, diversos machados de pedra pollida e, entre estes, um de agatha amarellada com riscos avermelhados, e a agatha ó uma das mais duras pedras conhecidas.

Estes objectos, que podem ser vistos nas estantes do citado Club de Caça e Pesca de S. Paulo, tendo sido uma das urnas funerarias photographada pelo cuidado do naturalista o Snr. *Alberto Lofgreen*, mostram mais tres pontos:

1.º Que elles podiam trabalhar e fazer armas de pedras muito duras que não só modellavão, mas polião.

2.º Que não só assavão, ou moqueavão (é o termo, não em lingua portugueza, mas em lingua paulista) mas tambem cosinhavão seos alimentos.

3.º Que accreditavão que o morto tinha outra vida depois desta, sem o que não collocarião junto a elle machados, lanças e flechas de pedra, suas mulheres e parentes, não se matarião na occasião de sepultal-o, para continuar em sua companhia, e nem as urnas serião bordadas e adornadas como o erão.

De sua lingua, como mostrarei adiante, se vê que elles acreditavão em um Deos, e em diversos espiritos.

Este ponto porém será desenvolvido posteriormente

quando eu mostrar qual a lingua que fallavão, materia esta que tem sido posta em duvida, por má comprehensão do que escreveo Gabriel Soares em 1558, e que depois foi repetido por quasi todos os outros, menos pelo mais authorisado de todos, que é o naturalista allemão, já citado, Carlos Frederico Philipe von Martius.

§ 8.º Tupis do Brasil e seu estado ao tempo da descoberta

Dos aborigenes do Brasil os que tiverão mais contacto com os brancos, e que mais forão por elles estudados, são os *Tupis*, que segundo Martius, partirão dos chapadões ou *arraxás* das montanhas dos Andes, e irradiarão-se para o Sul, para a Norte e para nascente, e conquistarão a maior extenção das terras do Brasil.

Nas solidões do Araguaya, Coinamá, velho chefe Ananbé, muitas vezes me contava que, quando seos avós emigravão das altas montanhas, provavelmente dos planaltos dos Andes *onde o sol morre*, para as terras plainas, onde o *sol nasce*, os chefes, os *tuchawas* como elles os chamão, dias antes da partida, á hora do toque das businas, passavão diante das casas dos guerreiros, dizendo-lhes este famoso grito de guerra para a conquista do Brasil:

« *Yá só Pindorama koti, itamarána po anhantin, yara-rama ae recê* ».

— « Marchemos para a Região das Palmeiras (Brazil), com a acha d'armas na ponta da mão, seremos senhores do Brazil.

Isto confirma a opinião de *Martius*, isto é: que os aborigenes do Brazil vierão dos planaltos do Andes, e conquistarão a grande região já descripta anteriormente, e occupada por outras raças, ou mais fracas ou mais atrasadas.

O nome com que essa nação ou raça é designada pelos escriptores, é o de *tupi-guarani*, nome que pouco importa, por que elles não formavão uma nação no sentido de um só governo, nem dos mesmos habitos e costumes: o que havia de commum entre elles era a lingua ou linguas, que evidentemente provinhão de um só tronco, que não sabemos ainda hoje, com certeza, qual elle era, ou qual elle seja.

O nome *tupi* entra no de muitas nações que fallão a lingua

geral, como seja: *Tupi-nambá*, *Tupi-niki*, *Tupi-naé* etc., e creio que é d'ahi que vem o nome de indios *Tupis*.

Estes nomes porem pouco significão. e o de Tupi-Guarani designa a grande nação que fallava as linguas ir-mans *tupi* e *guarani*.

Dos costumes dos tupis temos excellentes descripções nos auctores antigos, em Caminha, escrivão da armada de Pedro Alvares Cabral, em Gabriel Soares, em Lery, em Laet, nas cartas do padre Joseph de Anchieta, nos padres Ivo d'Evreux, Claudius d'Abbeville, Moraes e Simão de Vasconcellos.

Pelo que vi nas longas viagens que fiz pelos sertões do Brazil, essas descripções são pouco mais ou menos, exactas.

Ha um topico porem em que as julgo inexactas. e é o em que affirmão que os tupis, e outros aborigenes do Brazil, erão antropophagos, isto é, que se sustentavão com carne humana, e que a tinhão como alimento.

A raça branca, conquistando a America, tinha interesse em escravisar seos habitantes, e assim o fez. Tempo houve em que, só ao redor de S. Paulo e em S. Paulo, existião mais de sessenta mil indios escravos!

Sessenta mil indios escravos, para uma população branca ou de mestiços que, provavelmente, não excedia a quatro mil!

Para justificar não só a tyrannia da escravidão, como o habito de surreal-os até a morte, como o fazião, foi necessario, a principio sustentar que elles não erão homens, até que uma bulla do pontifice, no anno de 1537 que começa: Paulus Papa tercius, universis Christi fidelibus etc. (1) os declarou homens, e como taes senhores de suas vidas e liberdade; antes disto porem, muito e muito soffrerão, e ainda soffrem hoje; nos sertões de S. Paulo, Guayaz, Matto Grosso, Pará e Amazonas, ainda são mortos como animaes selvagens.

Infelizmente elles não tem nem imprensa. nem escriptores, e nem letras, e seos sofrimentos são desconhecidos pela raça branca, que os vae roubando e extinguindo ao longo de territorio de nossa patria.

(1) Pe. Simão de Vasconcellos: Chronica da Companhia de Jesus do Brazil. L. 2. das Noticias das cousas do Brazil n. 6 vem transcripta a Bulla.

Eis aqui o que nos narra o jesuita-padre Simão de Vasconcellos no n.º 4, Livro Segundo das Noticias das Cousas do Brazil.

Transcrevo suas palavras; diz elle que muitos dos primeiros povoadores entenião que:

«Os Indios da America não erão verdadeiramente homens; que podia tomal-os para si qualquer que os houvesse e servir-se d'elles, da mesma maneira que de um camello, de um boi ou de um cavallo, feril-os, maltratal-os, matal-os... Testamunha frei Bartholomeu, Bispo de Chiapa que chegarão os hespanhoes a sustentar seos caens (lebrees) com a carne dos pobres indios que para o tal efeito matavão, e faziam em postas, como a qualquer bruto do mato».

Resistirão a isto os Indios, matando egualmente os hespanhoes e portuguezes que puderão, e matando-se a si mesmas, de modo que, da população iudigena do Brazil que, ao tempo da descoberta, não devia ser inferior a quatro milhões de vidas, talvez não possuamos hoje mais de um meio milhão, espalhados por todos nossos sertões.

Para justificar estas tirannias disserão a principio que não erão homens; depois que o Papa Paulo Terceiro os declarou homens, disserão que elles erao antropophagos.

Viajei, como já disse, o Brazil de Nascente a Poente, de Norte a Sul, em toda a sua extensão; vivi annos nos sertões do Araguaia, no centro dos selvagens de Guayaz, Matto Grosso e Pará; fallo correntemente a lingua mais geral entre elles que é o *tupi*, tinha interpretes para outras, pois fundei lá um collegio de linguas sob a pretecção da Princeza Imperial a Snra. D. Izabel, e nunca encotrei, e nunca soube de uma só tribú de antropophagos!

E' certo que algumas das tribus matão os prisioneiros que capturão nas guerras, e que comem suas carnes. Fazem-no porem por vingança, e não como alimento, e tanto assim que, antes de matar um prisioneiro, dirigem convites para todas as aldeas com que estão em relação; reúnem-se, ás vezes, quatro a seis mil indios para comer um só homem. Ora, suppondo que um homem, na media, tenha cincoenta kilos de carne, afora ossos e liquidos, dividido por seis mil, dá menos de uma grama para cada um, ou menos da quarta parte de uma oitava.

Por tanto, com muita razão e justiça, diz Gabriel Soa-

res a pag. 307 da edição do Instituto Historico, cap. 174 o seguinte:

«A qual carne se não come por mantimento senão por vingança, e os homens mancebos, e mulheres moças provam-na somente».

O modo por que tratão o prisioneiro e como o matão, devia ter feito comprehender aos historiadores isto mesmo, isto é, comião-no, não por mantimento, e sim por vingança.

Era elle alimentado do melhor que tinham, davão-lhe a mulher que elle escolhia, com a qual vivia como casado, e esta mulher, por vezes, diz Gabriel Soares, de tal sorte se apaixonava pelo prisioneiro, que dava-lhe liberdade e com elle fugia para longas terras, por que, se depois disso fosse apanhada, morreria com elle.

No dia da morte, o prisioneiro era armado com a acha d'armas, e enfeitado com pennas, tal qual o seo executor. Era amarrado pela cintura, mas tinha os braços livres, e mais de um matou a seo executor.

Muitos do senhores terão certamente lido o famoso canto do nosso poeta, Gonzalves Dias, intitulado *I-juca-pirama*, que significa: — *O que vae ser morto*; com quanto seja isso composição de um dos maiores poetas do Brasil, ella pinta a verdade historica, quando descreve o prisioneiros matando a dezenas de seos aprisionadores: *matavão e comião alguns de seos inimigos, não por mantimento, e sim para vingança*.

§ 9.º Das ideas religiosas dos *Tupis*.

Em um livro raro, reimpresso em Paris por Ferdinand Denis, e que se intitula: Festa brasileira celebrada em Rouen, França, em 1550, e de que eu felizmente possuo um exemplar, vem, da pag. 77 em diante:—*Fragmento da Theogonia Bbasileira*, collegido em 1549, e publicado por *André Trevet* em sua obra *Cosmographia Universal*.

Resumo do manuscripto de Trevet.

«As pessoas, que entre os americanos do Brasil se occupão de cousas divinas, são chamadas *Caraibas* e *Pagees*, os quaes são os seos sacerdotes.

Acima das cousas da terra existe um ente a quem chamão *Monân* ou *Monhân* que quer dizer *Constructor*, ou *Edi-*

ficador, o *Auctor*, ao qual attribuem as mesmas perfeções que nos attribuímos a Deos.

Este creou *Trin-Magé*⁽¹⁾ de cuja cabeça nasceo *Tupan*.

(Montoya traduz a palavra *Tupan* assim: *Tu*, admiração, e *Pa*, pergunta; significa pois:—O que é isto? *Quid est hoc?*)

«De Maire Monhan, antes de sua morte, nascerão dous filhos. *Sommé* (que os jesuitas entendem que é o apóstolo S. Thomé) e *Caraíba* a quem os selvagens queimarão. Deste nascerão dous filhos, *Tamandonaré* e *Aricuta*. *Tamandonaré* era agricultor e bom; *Aricuta* máo, valente e guerreiro, e, com o tempo, tentou matar *Tamandonaré*, que, batendo com o pé na terra, deo causa a que surdisse uma fonte que produzio novq diluvio; para salvar suas vidas subirão os mais altos montes, mas com elles subirão as aguas e, para se salvarem, *Tamandonaré* o bom, subio sobre uma arvore de *Pindoua*⁽²⁾ e *Aricuta*, sobre o genipá.

Com este diluvio morrerão todos os seres vivos da terra, menos *Tamandonaré* e *Aricuta*, e suas mulheres, das quaes descendem os homens actuaes; os bons ou *Tupinambás*, descendem de *Tamandonaré*, os maus, ou *Tominús*, de *Aricuta*, e que existe, e ha de sempre existir, guerra entre elles.»

Até aqui o resumo de *Thevet*, que tem muitas outras cousas curiosas mas, que não cabem nesta conferencia.

A theogonia dos indios tupis do Amazonas é diversa desta, e está descripta no livro: O selvagem.

Estou preparando uma segunda edição d'esse livro que já foi traduzido em linguas européas.

A segunda edição será impressa no anno vindouro e trará, alem do que já foi publicado, o vocabulario Tupi do padre José d'Anxieta, que nos dá a lingua tal qual era falada pelos paulistas em 1570, e as lendas, lingua, e litteratura dos actuaes indios de S. Paulo.

Na memoria do actual povo de S. Paulo existem os vestigios das crenças religiosas dos antigos paulistas, figurando entre as divindades e espiritos superiores, ou causas encantadas, os seguintes: *Tupan*, *Jurupari*, *Anhanga*, *Cahipora*, (vulgarmente *Cahipora*), *Curupira*, havendo antes de

⁽¹⁾ *Magé* é nome de alguns logares do Rio e, entre elles, de uma cidade.

⁽²⁾ E d'ahi talvez que vinha ao Brasil o nome de *Pindorama* ou região das *Pálmeiras*. Até hôle os selvagens, quando decidem algum ataque, pintão o corpo de azul escuro com tinta de genipapo.

chegar a Sorocaba um morro que tem esse nome, *Boi-tatá*, *Sacy-Saperê*, ou Matin Taperê, que toma ás vezes a forma de um passaro, a quem chamão *Sem Fim*, o qual, quando canta, dizem os paulistas do povo, que está chamando o sol, e que o sol vem então e esquentá a terra.

Anhanga, julgo ser a divindade protectora da caça do campo, e apparecia, ou na forma de homem, ou na forma de veado, destes a que nos chamamos catinguéiro.

O padre Joseph d'Anchieta diz que o rio *Tieté*, palavra a que elle dá o significado de madre ou mãe do rio, era chamado pelos aborigenes paulistas, *Anhanby*, e significa terra de Anhanga, ou terra dos Veados.

Effectivamente poucas terras houvera no Brazil onde houvesse, e onde haja tanta quantidade de veados, como os arredores de S. Paulo.

O nome de Anhanga entra tambem na composição de outro correjo aqui de S. Paulo, *Anhamgababy*, que decompõe-se em tres palavras *Tupi-Paulistas*, *Anhanga yba-y*, que querem dizer, agua da arvore de anhanga, arvore cujas flores são mui procuradas pelos veados.

Comecei ha pouco tempo a collegir essa litteratura tradicional das origens americanas do povo paulista; ainda não pude, apesar de esforços e de disposição para fazer despesas, encontrar indios d'aqui que fallem o *tupi*; mas heide encontralos, collegirei o que puder e publicarei, na segunda edição do *Selvagem*, tudo que encontrar sobre isso.

§ 10.º Raça actual do Brazil e de S. Paulo.

A raça humana, que actualmente habita o Brasil, é descendente de tres troncos: dous do velho Mundo o branco da Europa, o preto da Africa, e o vermelho da America.

Nos não somos pois nem europeos e nem africanos. No collossal cadinho da America do Sul já se fundirão, e continuão a fundir-se, os sangues das tres raças, produzindo uma americana, a brasileira, que ha de ser forte e poderosa, como a raça *yankee* da America do Norte; essa tambem não é europeia nem africana, e sim americana; a nossa ha-de ser grande e poderosa, por que é intelligente, forte, sobria, laboriosa e pacifica, e por que o territorio de nosso paiz, com uma só lingua e uma só religião, pode conter, segundo os calculos de *Elisée Reclus*, mais de trescentos milhões de habitantes.

Sim, nos não somos nem europeos e nem africanos; somos uma raça americana, que já está afastada de seus progenitores do velho mundo brancos e africanos e que, no futuro, hade ficar ainda mais afastada.

Pelo lado phisico nos somos, em geral, menos gordos, menos corpulentos, porem mais ageis e mais nervosos de que o europeu e do que o africano.

A mescla das raças do Velho com as do Novo Mundo, não é somente no sangue; é tambem na intelligencia, moralidade, linguagem, religião, divertimentos e alimentação populares.

Digo populares, porque o povo, isto é, a classe dos homens que não são ricos, que é sempre a que teem o maior numero, é a que principalmente constitue a nação brasileira.

O orgulho dos ricos, que só leem por livros francezes, que vestem-se, alimentão-se, divertem-se, e em tudo imitão e macaqueão a raça mais adiantada do Velho Mundo, faz com que elles sejam mais europeos, do que americanos e brasileiros; desprezão tudo quanto é americano, procuram mesmo apagar lingua, nomes proprios, alimentos, crenças e costumes do continente de onde somos filhos.

Não é desses que actualmente fallo, e sim a do povo brasileiro, que hade enriquecer, illustrar-se e ser poderoso, unindo suas origens do Velho ás do Novo Mundo.

Essa classe ou raça, já eu o disse, distingue-se physicamente dos troncos europeu e africano, e mostrei-o em que. Disse mais que distingue-se na intelligencia, moralidade, linguagem, alimento, superstições, dansas e luctas physicas.

Intelligencia. A do brasileiro é mais intuitiva, do que a dos homens do velho mundo, que é mais reflexiva e mais capaz de estudos e conhecimentos analiticos e detalhados; o brasileiro é, em geral, superior para artes mechanicas e bellas, para tudo que denominamos officios, para as artes militares do terra ou de mar; é menos capaz do que o europeu para os estudos mathematicos, e de detalhes complicados, como sejam os das sciencias physicas e chimicas.

Moralidade. Nos europeos o sentimento do dever é mais profundo do que no brasileiro do povo, e, nesse ponto, a superioridade do europeu é incontestavel.

Linguagem. A lingua fallada no Brasil já não é o portuguez de Camões, João de Barros, ou Frei Luiz de

Souza; está, em sua grammatica, em seus sons, e em centenas de termos populares, cruzada com a lingua *tupi* ou *nheengatú*, como o demonstrei em minha obra o *Selvagem*.

Aqui em S. Paulo, então, os nomes *tupis*, enchertados no portuguez, são por centenas, senão por milhares. O nome do camponez, já não é esse, e sim *caepira*, do *tupi caapira*, que quer dizer mondador ou capinador de matto; *capinar*, vem tambem da palavra *tupi capin* que, em portuguez, significa erva; *passoca*, *jaguaraiva*, *jaguapera*, *sapecar*, *moquear*, *tenhenhen*, *piá* por filho, e centenas de outras são termos *tupis* passados para a lingua dos paulistas.

Quando duas senhoras brasileiras conversão, ouve-se muitas vezes este dissilabo — *em em*; ora este *em-em* é o *sim* das senhoras — na lingua *tupi*.

A lingua *tupi* não tem *l*; o nosso homem do povo paulista, mineiro, guayano ou fluminense nunca pronuncia o *l* com o *h*; não diz: melhor, mulher, milho, e sim: *mio*, *muié* e *mio*, por que o *tupi* não tem *l*.

Superstições populares. Ao lado do *lobishomem* e da *mulla sem cabeça*, que são superstições europeas, do *Zumbi*, e do *Kibungo*, que são africanas importadas para o Brazil, o *caepira* de S. Paulo, Minas, Rio, Guaiáz, Mato Grosso, Pará, e julgo que de todo interior do Brazil, acredita nas predicções de morte dadas pela *ave Makauan*, e nos maleficios da *Caipora*, do *Boitatá*, do *Matin-Taperé* e do *Curupira*, que é descripto como um pequeno indio, com os calcanhares virados para diante, que faz perder o caminho aos que viajam pelas solitarias e silenciosas florestas do interior.

Nesta conferencia não tenho espaço para descrever estes seres, e falo-hei na segunda edicção do *Selvagem*.

Alimentação. A base da alimentação europeia é o trigo, a do africano é o milho e o inhame, a do brasileiro é a mandioca, tanto do brasileiro *selvagem*, como do civilisado, menos dos que querem passar por europeos, por que, esses, só comem pão. A bebida europeia é o vinho e a cerveja; a do brasileiro é a aguardente de canna, de mandioca ou de milho, á que na linguagem paulista antiga, é chamada *cauin*, ou *tepipira*.

Danças. As europeas são a *walsa*, a *quadrilha*, a africana é o *batuque* que é pouco moral; a brasileira, essencialmente paulista, mineira e fluminense, é o *catereté* tão profundamente honesta (era dança religiosa entre os *tupis*)

que o padre José Anchieta a introduzio nas festas de S.^{ta} Cruz, S. Gonsallo, Espirito Santo, S. João e Senhora da Conceição, compondo para ellas versos em *tupi*, que existem até hoje, e de que eu possuo copia.

Tendo assistido muitas vezes estas festas e dansas ao som da viola, que era instrumento indigena de tres cordas de tripa, a que elles chamão *guararápera*, tem a vantagem de importar em maior exercicio physico e intellectual, por causa do canto e do verso, do que as dansas europeas.

Nós que, por força, queremos ser europeos, também despresamos estas dansas americanas por immoraes, quando o padre Joseph de Anchieta, as adoptou e introduzio nas festas religiosas.

Lucta phisica, capoeira. O europeu lucta com a espada, florete ou páo. O brazileiro lucta com a faca, e com a agilidade do corpo, tendo neste caso, por unica arma a cabeça e os pés, arma terrivel para um bom *capoeira*; este modo de luctas é também aborigene, e, longe de ser perseguido, como é, devia ser dominado, regularizado em nossas escolas militares, por que, um bom *capoeira*, é um homem que equivale a dez homens.

Ja vi vinte soldados, armados, tentarem prender a um desarmado, mas *capoeira*; este derrubou a todos, e só poude ser preso, a balla. Tal é o systema de lucta americano.

Em conclusão: somos, não europeos ou africanos, e sim americanos, pelo sangue, intelligencia, moralidade, lingua, superstições, alimento, dansas e luctas physicas.

§ 11.º Linguas Tupi e Guarani.

As linguas da humanidade são classificadas em tres grandes divisões — 1.º monosyllabicas; 2.º as de aglutinação; 3.º de fleccão, que são como o portuguez, inglez e em geral as linguas da Europa, exepcto o vasconso.

As linguas do antigo *Pindorama* (hoje Brasil), pertencem todas, segundo conjecturo, a segunda classe, a das aglutinação; em todo caso, é certo que o *tupi* e o *guarani*, que são as mais estudadas, são de aglutinação.

Cada nome é uma descripção do objecto que representa, por que, cada syllaba, diz uma idea.

Exemplos: *Acajuá* ou *Caju*, fructa conhecida de todos vos, decompõe-se assim: *a* fructa, *jú* amarella, *aca* de chi-

fre, ou: *fructa amarella de chifre*, e hai está a descripção do *aju*. *Guabiroba*; *gua* comida, *bi* (2.^a forma de *pi*) de pelle, *iroba* adstringente, amargosa, ou: *fruta de pelle adstringente*.

Awatiá (milho) a *fructa, áwa* de *cabello, tin* na ponta, ou: *fructa de cabello na ponta*.

Mantiqueira serra (nas escripturas antigas escrevem Mantiquira); *Maan* cousa, *tiquira*, que verte, ou *serra dos vertentes*, como ella o é realmente.

Essas linguas não tem propriamente verbos; qualquer palavra com os prefixos pronominaes e com palavras que significam tempos, exercem essas funcções.

Os jesuitas, que não conheciam lingua alguma de aglutinação, escreverão más grammaticas dessas linguas; a melhor que existe, da lingua guarani, é a de um brasileiro, fallecido ha pouco, o dr. Baptista Caetano ne Almeida Nogueira, e que vem impressa no volume 6.^o 1879, dos annaes da Bibliotheca Nacional do Rio.

Do guarani ha tres excellentes vocabularios: 1.^o Thezouro e Vocabulario do jesuita americano Montoya; a melhor edição é a de Platzmann, que se pode obter por intermedio da Casa Laemmert; 2.^o, Vocabulario do dr. Baptista Caetano, publicado no Volume 7.^o dos Annaes da Bibliotheca do Rio; é obra de longo follego e preciosa; 3.^o Vocabulario de la lingua guarani pelo jesuita padre Paulo Restivo, tambem muito bom.

Fora muito conveniente que no Brazil conservassemos os nomes americanos, não só porque tornão mais intelligivel a historia do paiz em que nascemos, como porque descrevem signaes permanentes da região, e não se confundem com os outros portuguezes, reproduzidos aqui, em Portugal, na Azia e na Africa. Se S. Paulo continuasse a ser chamado *Piratiningu*, um telegramma de Londres a S. Paulo, custaria 10 Shillings essa palavra, ou 15\$000, ao passo que São Paulo, por ser de duas palavras, custa 20 Shillings, ou 30\$000.

Dissemos atraz que entre o *tupi* e o *guarani* ha pequena differença; comtudo as duas linguas são diversas, e, quem quizer traduzir nomes indigenas em portuguez, deve verificar se pertencem a uma ou outra lingua, por que, comquanto muitas das raizes sejam de significado identico, muitas são de diverso.

E' sabido que o latim e o grego são filhos do sanscripto; no entanto é sabido que o som sibillado do sanscripto

passou para o grego, ora com o de *h* aspirado, ora com o de *k*, ao passo que passou para o latim, com o de *ç*, cedilhado, igual a *s*.

O mesmo dá-se entre o *tupi* e o *guarani*; o que é som de *ç* cedilhado ou *s*, passou para o *guarani* com o de *h* aspirado; amar em *tupi* é: *çaiçú*, em *guarani* *haihú*; ovo, em *tupi*, *çupiá*, em *guarani* *hupiá*; verbo ir, em *tupi*, *çô*, em *guarani* *ho*, e assim por diante.

De mais o *tupi* conserva maior numero de raizes monosyllabicas, do que o *guarani*; assim: onça ou panthera, em *tupi* *jaguara*, em *guarani* *jaguá*, a grande serpente amphibia a que os naturalistas chamão anaconda, em *tupi* chama-se *sicuri*, em *guarani* *curi*; em *tupi* *curupira*, em *guarani* *curupí*.

E' necessario ter isto, e muitas outras cousas em vista, para traduzir os nomes proprios de logares. Na segunda edição do *Selvagem*, no dictionario que confeccionarei, darei a traducção dos que conheço.

Sobre o *tupi*, que é a lingua mais geral do Brazil, possuímos menor quantidade de livros bons do que sobre o *guarani*, e a razão é por que o *guarani* ainda é fallado no Paraguay, em logares civilizados das Republicas Argentina e Boliviana, mas no Brazil, onde poucos são os que aprecião suas origens americanas, o *tupi* só é fallado pelos aborigenes e por poucos brasileiros civilizados.

Os melhores livros sobre o *tupi* são os seguintes:

Vocabulario da lingua tupi tal qual era fallada em S. Paulo no seculo XVI, pelo padre Joseph de Anchieta; a edição está ha muitos annos exgotada; mandei tirar uma copia em manuscrito e vou reimprimil-a.

Curso da lingua *tupi* segundo o methodo de Ollendorf, escripto por mim. E' o unico livro por onde é possivel aprender a fallar esta lingua; a edição está exgotada, mas vou reproduzil-a, acompanhada de vocabulario, raizes e textos.

Poranduba Amazonense no volume XIV dos *Annaes da Bibliotheca do Rio*, e o complemento da mesma, contendo vocabularios indigenas pelo Dr. Barbosa Rodrigues, com numerosos textos de lendas indigenas em *tupi* e em portuguez; são copiados e traduzidos com o mesmo plano com que anteriormente eu havia publicado as lendas indigenas em o livro o *Selvagem*; excellente obra e de muito auxilio para estes estudos.

Diccionario Portuguez e Brasileiro, por um anonymo, publicado em Lisboa 1795. E' bom, mas mui deficiente — é de portuguez para o Tupi.

Glossaria Linguarum Brasiliensium pelo Barão von Martius, onde vem um bom vocabulario tupi, portuguez, allemão. Obra excellente, e serve de base para magnificos estudos sobre o Brazil.

Diccionario da lingua Tupi por A. Gonçalves Dias, Lipsia 1858. Tupi para portuguez, é o mais extenso, mas tem numerosos erros e muitas repetições. Extremamente util para quem estuda a lingua.

Crestomathia da lingua Brasilica, pelo Dr. Ernesto Ferreira França, Leipzig, 1859, muito util.

Grammatica da lingua mais usada na costa do Brazil pelo padre Joseph de Anchieta, publicada em Leipzig em 1874 por Julio Platzman.

Estas tres ultimas obras podem ser obtidas da Allemanha por intermedio da casa Laemmert.

Com estas obras pode-se obter conhecimento completo da lingua, mas ainda com difficuldade, por que o vocabulario do tupi, com suas raizes, ainda não está escripto; eu pretendo fazel-o para podermos interpretar infinidade de nomes de logares, animaes, flores e fructas de nossa terra, e o farei, se Deos me conceder vida.

§ 12.º Anchieta, resas e danças populares de S. Paulo, provenientes dos indios.

Na obra — *Estudos das Linguas e das Missões* — do jesuita allemão José Dahlmann, traduzida em hespanhol por Jeronimo Rojas, Madrid 1893, vem bibliographia muito completa dos livros que há respeito aos aborigenes de ambas as americas e de sua litteratura.

Os jesuitas do Brazil, como a lingua tupi ou *nheengatú*, era a mais geralmente fallada, pretenderão fazer d'ella o francez ou o inglez do Brazil, isto é, a lingua geral para todos.

Muitos dos jesuitas, conhecendo muito bem o tupi e o guarani, devião conhecer tambem as historias do *Sacy Taparé*, do *Boi-tatá*, do *Caapora*, do *Anhánga*, do *Curupira*, do *Jurupari*, e de outros genios de que estava cheia a theogonia dos selvagens, e que devião formar extensa lite-

ratura, encerrando tambem o *folk lore* do *Pindorama*, ou do Brazil.

Com as ideas do tempo porem, para os jesuitas, esses entes erão manifestações do espirito máo, ou do demonio, e como taes não devião ser conservados.

Aos litteratos moços de S. Paulo é que incumbe colher todas essas historias em quanto subsistir a tradiçãõ dellas, tradiçãõ que estará apagada dentro em alguns annos, apagando-se assim uma pagina curiosissima do pensamento das raças da nossa America.

Os jesuitas, não collegião litteratura dos aborigenes, mas servirão se de sua musica e de suas dansas religiosas para atrahil-os ao christianismo.

Entre essas danças haviam duas, o *Caateretê* e o *Cu-rurú*, que erão religiosas para os *tupis* e *guaranis*, e que todos os filhos do interior do Brazil conhecem, menos os que, querendo passar por *Francexes* ou *parisienses*, affectão desprezar o que é nacional.

As toadas, profundamente melancolicas dessas musicas e a dança, forão adoptadas pelos jesuitas, com o profundo conhecimento que tinham do coração humano, para as festas do divino Espirito Santo, S. Gonçalo, Santa Cruz, S. João e Senhora da Conceição.

Ainda hoje nas populações de S. Paulo, que não forão conquistadas pelos italianos, e que não são dominadas pelos brasileiros pretensos parisienses, são ellas resadas assim: tenho-as ouvido em *Carapicuyba*, S. Bernardo, *Embuby*, *Itaquaquicetyba*, *Mogy* e em muitissimos outros logares aqui, no *Pará*, *Guaiás*, *Cuyabá*, Minas, Bahia, etc. Na capella do meo sitio *Itay*, estrada de S. Amaro, são ellas quasi todos os sabados resadas pela maneira por que as ensinou o padre Joseph de Anchieta aos guayanás creio que n'esse mesmo logar, por que ahi morou um dos filhos de chefe *Caá-Ubi*, com muitos de seos patricios.

Da litteratura original dos indios, pouco, quasi nada nos resta; ainda é tempo de colligil-a entre as tribus que subsistem.

Fui eu o primeiro que publicou lendas *tupis* em lingua *tupi*, copiando-as das narrações dos indigenas.

Esta conferencia já vae longa e não tenho espaço para apresentar specimsns extensos do estylo dos aorigenes.

A' pagina 163 do meo livro o *Selvagem* vem uma lenda intitulada -- *Mai pituna oyukuau ána*, isto é, como a

noute appareceo, que é, segundo eu penso, nm fragmento do genesis dos antigos americanos. Ahi como na Biblia, as desgraças dos homens provêm de uma desobediencia a Deos, em um episodio de amor.

O estylo é mesmo um pouco biblico, e citarei apenas os primeiros versiculos, que são:

Ypirungáua ramé intimahá pituna; ara ánhum opain ara ope.

ÑO principio não havia noute; havia somente dia em todo tempo.

Pituna okeri oikó ywipe.

A noute dormia no fundo das aguas.

Intimahá sooitá; opain mahá onheen.

Não havia animaes; todas as cousas fallavão.

A lenda é longa para eu poder agora repetil-a toda; parece-me porém, que no laconismo solemne da phrase, ha a mesma magestade que notamos nos dizeres da Biblia.

As poesias populares de S. Paulo, que ainda não forão collegidas, são continuacão da poesia dos indigenas; resta que appareça para S. Paulo algum Silvio Romero, que as collecione e imprima, com o que doptara nossa patria de thesouro, com valor superior, aos arremedos da litteratura europea, com que enchem nossa imprensa

São cousas selvagens e rudes, bem o sei, mas são a descendencia do pensamento dos povos americanos, de que nos somos os filhos, e os successores.

Possuo nos meos manuscriptos collecções de quadras indigenas rimadas.

Ignoro se a rima já era usada pelos indigenas, ou se elles a imitarão dos europeos.

Citarei, de entre essas, a seguinte que ouvi, ha cerca de 40 annos, em *Araritaquaba*, hoje Porto Feliz:

Jxé, man, guirá mirin!

Xa rekó, man, ce pepó

Xa bebé ne rakaquera,

Xá puama ne rekó..

Traducção.

«Se eu fora um passarinho, oh quem me dera! eu eria minhas azas, voaria no teo encalço, e me ergueria ao pé de vos».

Em *Piratininga* (hoje S. Paulo), o padre Anchieta foi professor de latim, e depois la lingua tupi, fallada então pelos paulistas.

Nas chronicas do padre Simão de Vasconcellos le-se, com encanto, o como o padre Anchieta compunha versos em lingua tupi, e como os meninos, á tardê, ião em procissão pelas ruas do nascente S. Paulo, dansante o seo *caaterêtê*, cantanto versos em louvor da Virgem Maria e parando nas portas dos selvagens; estes, atrahidos pelas dansas e cantos, forão pouco a pouco sendo atrahidos ao christianismo, até que de todo ficarão transformados em homens civilisados.

Essas canções forão preservadas, e o findo imperador o snr. D. Pedro Segundo, obteve, quando esteve em Roma, uma copia manuscripta das mesmas, que me foi emprestada sem traducção; infelizmente não copiei todas, e não sei hoje que rumo levarão.

E' dessas a seguinte quadra, que os meninos cantavão em S. Paulo:

*O Virgem Maria,
Tupan cy étê,
Aba pe ara pora
Oicó endê yabé.*

Dio isto o seguinte: — «O Virgem Maria, mãe de Deos verdadeira, os homens d'este mundo, estão tão bem comvosco.»

Eu não sou poeta e por isso a não traduso em verso. Esta canção contem quinze sextilhas, alem da quadra acima.

Possuo tão bem, em manuscripto, um drama, ou auto, em tupi, que elle fazia os meninos representarem no pateo do collegio de S. Paulo, onde são personagens, diversos indios, aujos e demonios; o objectivo era tambem trazer os aborigenes para o seio de christianismo; esse auto com dezseis paginas *in folio*, tem por titulo: *Nheenga apiába pé awaré Joseph Anchieta recê*, que quer dizer: *Falla aos indios pelo padre José d'Anchieta*.

Ja eu o tradusi em prosa, mas um distincto litterato e poeta, o snr. Horacio de Carvalho, converteo a minha má prosa em excellentes versos; veu imprimil-o e offerecel-o aos padres jusuitas do collegio de Itú, pois me consta que elles tencionão fazel-o representar, pelos seos meninos, em tupi e portuguez, por occasião de centenario.

O snr. Horacio de Cervalho não me permittio que eu publicasse o seo nome, de modo que, a traducção em verso, será publicada anonyma.

Citarei duas quadras desse drama, com a traducção em verso:

*Xe retama mooripa,
Ore yú, xembigoe
Xe awé ndê robaké
Ayu niê, borim, boripa.*

*Tapui pepira guabo
Xe ramuya poracei;
Xe Tupan rekó ayucei,
Xe mbá rekó peabo.*

TRADUCÇÃO

Terra minha venturosa,
De meo pae ora escolhida
Por morada, juncto d'elle
Passar quero toda vida

Gentios bravos dos mattos
Forão os maiores meus;
Mas eu, que peço o baptismo
Quero ser filho de Deos.

Creio que os jesuitas da Republica Argentina, do Paraguay e da Bolivia adopterão tambem os cantos e dansas do caatereté para festas religiosas entre os indios, pelo menos para as de Sta. Cruz, porque assisti em Corrientes e Assumpção celebradas com elle, como se faz até hoje nos sitios e povoados interiores do Brazil.

A musica dessas cantos indigenas, preservada até hoje pelos nossos *caepiras*, que a maior parte de nós, que nos creamos em fazendas, ouvimos em nossa infancia, é de uma belleza e melancolia tão profunda que desperta na alma a mesma sensação que a afecta quando percorremos as sollições silenciosas de nossas florestas, ou as campinas immensas do interior, cheias de cachoerias alvas, e sementeas de capões de matta, cobertos de palmeiras.

O versejar desses Homeros do povo é, em geral, ex-

tremamente melancolico, e, como eu disse atraz, é pena que S. Paulo não tenha ainda tido um Silvio Romero ou um Garret para collegir e publicar o seo cancieneiro popular, com versos e musica, em quanto a musica e o versejar italiano, que não são nacionaes, os não vem extinguir como a poetica e indigena viola ou *guarará-pewa*, já está quasi extincta pela prosaica e funebre samphona.

Durante minha morada na Inglaterra assisti a bailes em castellos de *lords*, dos grandes senhores territoriaes d'aquelle paiz, e nelles dansavão sempre o *scotish-gig* que é uma especie de caatereté escossez, e, perguntando eu a razão, me responderão que, com quanto a velha nobreza da Inglaterra aceitasse as dansas francezas e allemans, com tudo ella não se esquecia que era ingleza, e por isso não pressendia das dansas nacionaes, nas reuniões que dava em seos castellos.

Julgo que deviamos fazer a mesma cousa no Brazil; no entretanto o facto é o seguinte: dansas europeas, com musicas as vezes detestaveis que impedem aos vesinhos de dormir, todos podem fazer; dausar porem o *caatereté* brasileiro com a viola ou *guarará-pewa*, com o pandeiro ou *enguá*, com os versos ora satiricos, ora amorosos dos bardos *caepiras*, sem previa licença da policia, equivale a ser disperçado á força, ou ir para a cadêa!...

Das desenhas de quadras que possuo dos *caepiras*, citarei apenas uma, como especimen, e é:

Tenho um bem que me quer bem,
Um bem que me dá dinheiro,
Um outro que me dá pancada;
Esse é o meo bem verdadeiro.

Ignoro qual a razão por que os brasileiros despresão tudo quanto é nacional e so estimão o que é francez, sobre tudo o que é banal, frivolo e palavroso nessa nação.

E' innegavel que o estrangeiro olha, em geral, com desdem para o Brasileiro, e nisso imita o brasileiro, que é o primeiro a não orgulhar-se de sua nacionalidade. É assim que as casas de comida são denominados ou *Maison d'or*, ou *Rotisserie*, ou *Maison Moderne*, as de modas, *Palais Royal* ou *Louvre*, as senhoras, que querem passar por aristocraticas, são denominadas *madame* ou *mademoiselle*, as estações de estradas de ferro chamão *gare*, e um

sem numero de tolices pretenciosas deste jaez, que mostram que o brasileiro, em vez de orgulhar-se de ser americano, fallando o seo portuguez brasileiro, o que quer é passar por francez, ou pelo menos por europeu.

A vista disto, é perfeitamente justo que o europeu nos despreze.

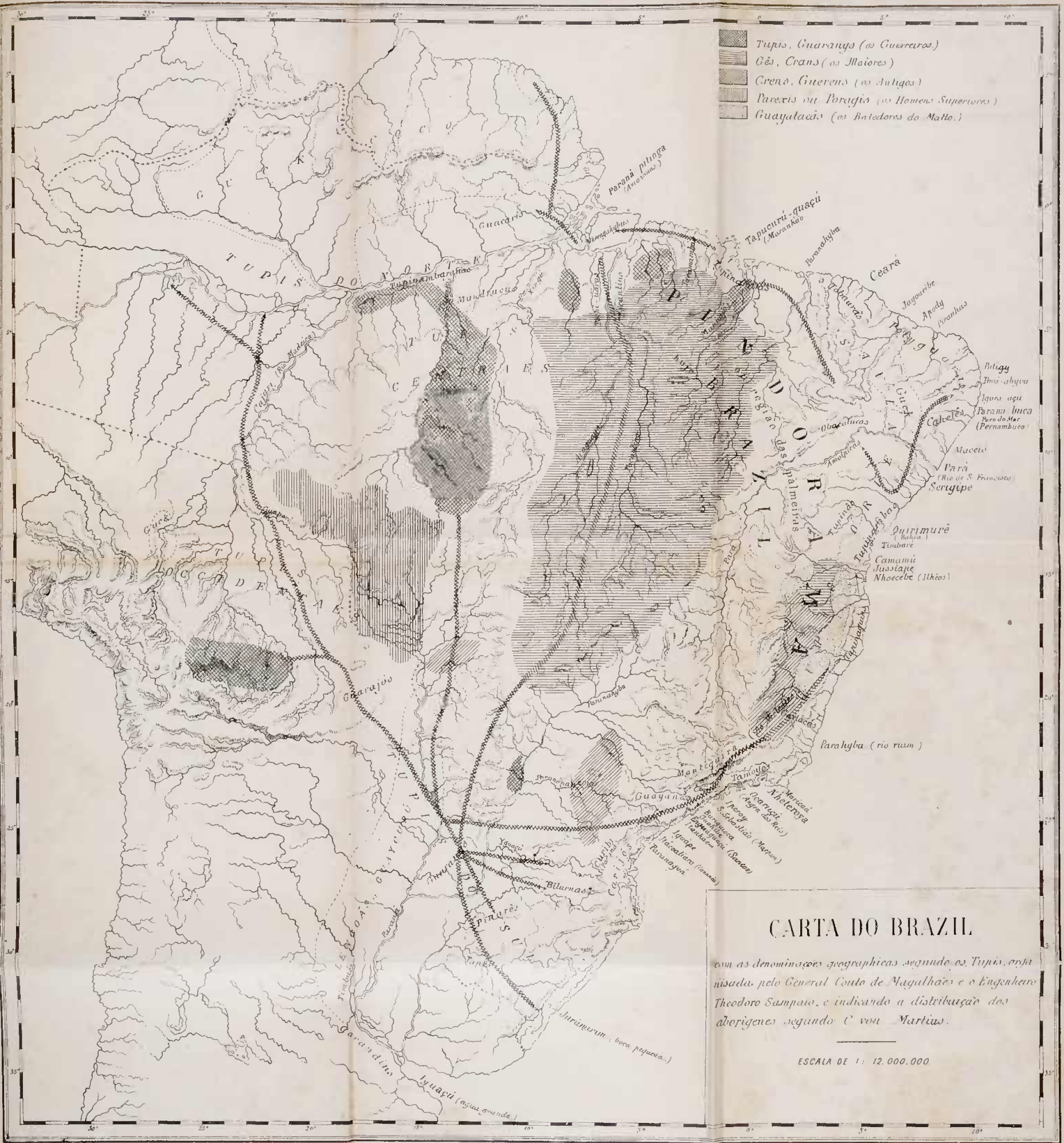
O caboclo (alias cariboco) que é, como tão bem disse o dr. Eduardo Prado, o verdadeiro brasileiro, que vive quasi sem terras, enchotado para os logares mais insalubres ou mais estereis, victima constante do recrutamento, sem direito até de ter filhos, por que, como grande parte delles não é casada, há juizes de direito, que reduzem a escravidão esses filhos, dando-os de soldada aos ricos, até a doze mil reis por anno, são conservados sujos, mal alimentados, sem aprender a ler nem escrever, no entretanto, *quando foram levados ao Paraguay*, soberão alli morrer pela liberdade do povo que seus maiores quizerão escravisar!






Possa o centenario de Anchieta fazer com que o brasileiro respeite, honre, desenvolva e eduque suas origens americanas, e Anchieta prestará, depois de morto, serviço igual ao que prestou durante a vida; então, o filho desta terra, em vez de querer passar por francez ou por europeu, dirá: *eu sou Brasileiro*, com o mesmo orgulho, com que o americano do norte diz: eu sou *Yankee*.

Termino aqui.

Conceda Deos paz ao grande Estado de S. Paulo, não permita que a raça americana dos caboclos continue a ser oprimida e illiminada; permita Deos que ella seja educada e que enriqueça e. no futuro, quando fallarem dos velhos paulistas, hão de dizer: Foi um dos maiores e mais notaveis povos de terra.

São Paulo, 1.º de Março de 1897.



-  Tupis, Guarany (os Guerreros)
-  Gês, Crans (os Maiores)
-  Crens, Guerens (os Antigos)
-  Parexis ou Poragis (os Homens Superiores)
-  Guayalacis (os Batedores do Matto.)

CARTA DO BRAZIL

com as denominações geographicas segundo os Tupis, organisada pelo General Couto de Magalhães e o Engenheiro Theodoro Sampaio, e indicando a distribuição dos aborigenes segundo C. von Martius.

ESCALA DE 1: 12.000.000

INDICE

	Pag.
§ 1.º Saudação de Anchieta na lingua antiga dos paulistas	3
§ 2.º Pindorama é o nome americano do Brasil.	4
§ 3.º Raças que habitavão Pindorama (Brazil) em 1587	4
§ 4.º Aborigenes das costas no Pindorama (Brazil) em 1587	6
§ 5.º Classificação dos indios do Dr. Carlos Felipe P. von Martius	8
§ 6.º Linguas brasileiras.	9
§ 7.º Indios que concorrerão para a população de S. Paulo de 1531 em diante	12
§ 8.º Tupis do Brazil e seo estado ao tempo da descoberta.	15
§ 9.º Das idéas religiosas dos Tupis.	18
§ 10.º Raça actual do Brazil e de S. Paulo.	20
§ 11.º Linguas Tupi e Guarani.	23
§ 12.º Anchieta, resas e danças populares de S. Paulo provenientes dos indios	26







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).